



Linhariva

Nº 193 27/08/92

Milhões de brasileiros e dezesseis membros da CPI a favor. Cinco senadores contra. Este foi o resultado da votação final da CPI do caso PC, que agora, oficialmente, pôde ser chamado de PC/Collor.

"...não existe uma só alternativa de compreensão de certos fatos que envolvem o Sr. Paulo Cesar Farias que não inclua o Sr. Presidente da República. ... Ficou evidente que o Sr. Presidente da República, de forma permanente e ao longo de mais de dois anos de mandato recebeu vantagens econômicas indevidas, quer sob forma de depósitos bancários... quer sob forma de recursos financeiros para aquisição de bens, sob a modalidade de benfeitorias em imóvel de sua propriedade...". Este trecho do relatório final da CPI abre o espaço para o que milhões de brasileiros pediram nas ruas nos últimos dias: o impeachment de Fernando Collor.

O povo já sabia que "os fatos descritos anteriormente contrariam os princípios gravados na Constituição, sendo incompatíveis com a dignidade, a honra e o decoro do cargo de Chefe de Estado", como disse o relatório. Mas agora há, mais que evidências, documentos que comprovam que há uma quadrilha nos corredores e gabinetes do Planalto.

Estas provas não se materializaram apenas com os documentos empilhados exaustivamente pelos opositores na CPI. Por trás delas há a unanimidade indignada de milhões que, vestidos de preto, compõem o trocadilho mais alegre do fim da "era collorista".

Mas a novela continua, pelo menos até meados de setembro. Haverá mais um cabo de guerra entre o "esquadrão da morte do Planalto" e o resto da nação. Eles vão usar dinheiro público para comprar votos. Nós, o povo, vamos nos vestir de preto, pintar o rosto, cantar, gritar e nos emocionar. Afinal a gente está recuperando a alegria de ser povo. Um povo que quer escrever o seu destino, nas manifestações gigantescas ou na solitária fúria que aparece nas arquibancadas parisienses durante o jogo da seleção brasileira transmitida após a votação da CPI. A faixa dizia: fora Collor!

IMPEACHMENT NELE!

Foto: Mônica Linhares/ZERO



Em Florianópolis mais de 10 mil pessoas participaram do ato do dia 25. Depois uma passeata foi até o Palácio do Governo. Roupas pretas e rostos pintados foram a farda de um exército de indignados

Eleição no CELOS

A INTERSINDICAL TEM
CANDIDATOS!



POSSE

Novos representantes do Sinergia na Celesc

Os empregados da Celesc escolheram na semana passada (dia 20 de agosto) seus novos representantes sindicais. As eleições foram tranquilas e bastante disputadas, com quase nenhum voto branco ou nulo. Os empregados eleitos ficarão no cargo até março de 93 e já estão trabalhando, desde a segunda-feira, dia 24 de agosto, quando assumiram seus cargos.

Foram eleitos:

Amoxarifado Palhoça - José Cláudio Rocha (50 votos).

Escritório Biguaçu - Adilson Romualdo de Almeida (5 votos).

Escritório Palhoça - Mauri Alcindo Broering (8 votos).

Usina Garcia - Sidinei Carlos Martins (13 votos).

Sede - Márcio Alexandre I (289 votos). José Braulino Sta-



helin (297 votos). Ney Lúcio Felix (228 votos).

Subestações - Tijucas - Celso Luiz Ramos (12 votos).

EDITORIAL

Quem tem medo de votar?

As eleições municipais deste ano vão acontecer sob o calor da mobilização deflagrada pela confirmação do envolvimento de Collor com falcas e a campanha pelo impeachment. Vão acontecer no embalo de uma retomada de movimentos populares que não se via desde as eleições presidenciais.

Por isso, as eleições acontecerão em um momento em que a população, sobretudo, desconfia dos políticos. Sabemos, afinal, que num momento de praticamente unanimidade nacional se não todos, pelo menos alguns gatos são pardos. Há muita lebre com pele de cor-deiro.

Mas desconfiança não pode ser o mote. O voto deve ser orientado pela observação de programas e trajetórias. A pura propa-

ganda já levou o país a um equívoco do tamanho do escândalo PC/Collor. Este Brasil que se redescobre em comícios e atos públicos não pode fugir da responsabilidade de ir às urnas e dar consequência ao que sonha e quer.

O voto em branco ou voto nulo não contribui com nada, a não ser a permanência da prática política tradicional, por dentro da qual se criam e multiplicam os oportunistas e corruptos. Votar com consciência da cidadania é ser coerente com o desejo de um país mais democrático e distanciado de bandalheiras, negociatas e falcas que só fustigam o povo.

Não tenha medo de votar. Afinal, depois você pode cobrar.

IX Conferência Nacional de Saúde

O Brasil está doente

Três mil delegados e participantes credenciados, um total de quase cinco mil pessoas. Todos eles embasados em discussões realizadas em mais de três mil municípios e em plenárias estaduais que aconteceram em todos os estados. É pouco? Então imagine toda esta gente reunida durante uma semana, participando de cinco conferências, quatro painéis gerais, 33 painéis específicos, divididos em 100 grupos de trabalho. E se a maior preocupação de todos for a saúde do povo brasileiro?

Tudo isso foi a etapa nacional da IX Conferência Nacional de Saúde que aconteceu em Brasília de 9 a 14 de agosto. Uma plenária que aconteceu depois de dois anos de preparação e de muitos adiamentos por parte do governo. Todo mundo que tem alguma coisa a ver com saúde estava lá. Autoridades como os ministros Adib Jatene, da Saúde, e Reinhold Stephanes, da Previdência, ou como Luiza Erundina, prefeita de São Paulo e o deputado federal Sérgio Arouca (PPS), conhecido por sua atuação na área da saúde. Também estiveram lá Jair Meneguelli, da CUT, e políticos de destaque, como Lula. Estiveram lá, ainda, Herbert de Souza (IBASE), dom Luciano Mendes de Almeida (CNBB). Isso sem falar em inúmeros secretários de governo.

Os temas básicos da discussão foram "sociedade, governo e saúde", "seguridade social", implementação do sistema único de saúde" e "controle social da saúde". Mas foi inevitável debater a crise política e moral deflagrada pelas descobertas da CPI de PC Farias. O resultado desta discussão foi uma moção de apoio à CPI e pelo impeachment de Collor.

DIAGNÓSTICO - Discutindo saúde, o diagnóstico da saúde dos brasileiros apresentado no relatório final da Conferência não é nada animador. "Permanência importante, em alguns casos crescentes, de numerosas doenças evitáveis por conhecimentos e técnicas disponíveis e acessíveis: diarreia, tuberculose, hanseníase, malária, doença de chagas, tétano, filariose, sarampo, leishmaniose", além do "ressurgimento de velhas doenças tidas como controladas: cólera, dengue, febre amarela".

Este verdadeiro catálogo de doenças na verdade é um sintoma da doença do sistema de saúde do



Plenária sempre cheia com gente indignada: falta saúde e sobra corrupção

país. A Conferência aponta: "insuficiente cobertura assistencial, especialmente, nas regiões mais carentes; ênfase em atividades curativas, em detrimento das preventivas e ambulatoriais; sucateamento e desqualificação tecnológica e profissional da grande maioria dos serviços públicos e privados contratados pelo poder público; baixos níveis de gastos públicos em saúde, agravados por métodos arcaicos e ineficientes de gestão pública".

ESTADO MÍNIMO - A crítica da IX Conferência não se limitou ao sistema de saúde. "Este quadro sanitário é decorrência direta das características do Estado brasilei-

ro, que nunca esteve comprometido com os interesses populares". Privatizado, sua ação esteve predominantemente dirigida a atender interesses do reduzido grupo que dele se apropriou ao longo da história".

Indo mais longe, o relatório final de-

nuncia o "estado mínimo", que não se obriga com funções básicas da sociedade, preconizado pelo ideário neo-liberal, como uma manobra de preservação de interesses hegemônicos das classes dominantes. A reforma fiscal enviada pelo governo ao Congresso Nacional seria mais um artifício para concentrar renda e afastar o Estado das necessidades da maioria da população.

Clientelismo, corrupção e impunidade são práticas antigas no sistema de saúde que, segundo o documento da Conferência, é articulado e compatível com o modelo neo-liberal.

Além de resoluções políticas de repúdio à corrupção, à impunidade e o modelo neo-liberal foram tomadas importantes resoluções sobre saúde: reafirmação das atuais diretrizes constitucionais da capítula da Ordem Social e, particularmente aquelas referidas ao Sistema Único de Saúde, contrapondo-se aos projetos que pretendem mudá-los na revisão constitucional de 1993; a regulamentação, pelo poder executivo federal, dos artigos ainda pendentes dessa exigência do SUS, assim como a adequação das normas e procedimentos administrativos aos dispositivos regulamentados; elaboração do Projeto de Lei Orgânica da Assistência Social nos marcos conceituais da seguridade social.

Deverá ser montado um programa de controle social de qualidade. Isto, através da instalação dos conselhos municipais, estaduais e federal de saúde. Só será possível, segundo a Conferência, fazer o controle social da saúde, garantindo o exercício da cidadania, se os próprios cidadãos assumirem a participação efetiva no processo, revendo leis e regulamentos com critérios democráticos.

NAS PRÓXIMAS EDIÇÕES trataremos das resoluções sobre seguridade social e previdência.



Celesc ainda está devendo

Apesar de todas denúncias, a Celesc continua sem prestar exames periódicos de saúde. Os exames, que são obrigatórios por lei, não vem sendo feitos há mais de oito meses. Com esta demora a Celesc está prejudicando os seus empregados. A Delegacia Regional do Trabalho, encarregada de fiscalizar estes procedimentos está muito atrasada.

Foram marcadas as negociações

A Intersindical solicitou uma reunião com a direção da Celesc para dia 3 de setembro com o objetivo de discutir a reposição salarial do INPC de julho e agosto de 1992. Também foi entregue, na semana

passada, a pauta de reivindicações para o acordo coletivo 92/93. Na mesma ocasião a Intersindical marcou dia 10 de setembro como início das negociações com a empresa.

Prazo final

Na sexta-feira, dia 28 de agosto, se encerra o prazo para inscrição dos interessados em participar da 1ª Mostra Coletiva de Artes Plásticas que o Sinergia está promovendo, com apoio da Elase e Abecelesc. Podem participar empregados da Celesc e Eletrosul, seus familiares e aposentados.

Explicações pela metade

Num "Saiba" especial, datado de 28 de agosto, a direção da Eletrosul explicou a seus empregados "O Que a Elase Faz Com Seu Dinheiro". Mas o relatório não estava

completo. Faltou explicar o que aconteceu com a compra de ações da Sade, como será paga a imensa dívida que a Eletrosul tem com a Elase e quando a empresa vai resolver a pendência - que tem mais de um ano - sobre as eleições para a fundação.

Atenção: empregados da Eletrosul em Florianópolis

O Sinergia está convocando os empregados da Eletrosul para uma assembleia extraordinária para hoje, quinta-feira, às 17h 30min, em primeira chamada, e às 18 horas, segunda chamada, para discutir a seguinte ordem do dia:

- Discussão e votação das pautas de reivindicações nacional e es-

pecífica, com vistas ao acordo coletivo de trabalho 1992/93, entre sindicatos e as empresas do Sistema Eletrobrás, entre elas a Eletrosul.

- Outorga de poderes para o sindicato, a Intersul ou o Comando Nacional dos Eletricistas procederem as negociações ou, se necessário, ajuizar dissídio coletivo, em nome próprio ou da entidade que os representar processualmente.

- Discussão, fixação, destinação e votação de contribuição confederativa.

- Encaminhamentos da campanha.

Nesta assembleia serão tirados os delegados que participarão da plenária de fechamento da pauta em Charqueadas - RS, no dia 29/08/92.

TRIBUNA Livre

Não chorem por nós

Mauro Guimarães Passos, presidente do Sinergia

O Brasil que já foi a 8ª economia do planeta e tinha a pretensão de se integrar ao chamado 1º Mundo, após o escândalo Collorgate, tem sido tratado no exterior como uma verdadeira República das Bananas.

O editorial do New York Times, na sexta-feira última, intitulado CHORO PELO BRASIL, começa afirmando que "a segunda nação do hemisfério está um tumulto". Compara a situação de miséria da maioria da população com as denúncias de corrupção e afirma, no final, que qualquer que seja o resultado das investigações, o presidente Collor já constrangeu o Brasil.

Muito embora concordando com a linha do editorial do New York Times, pois infelizmente esta é a nossa crua e nua realidade, há entretanto um reparo a fazer sobre o mesmo. Não sobre seu conteúdo, mas sim sobre o título que ele recebeu. Ainda que estejamos envergonhados e estarecidos por tudo que estamos passando, não precisamos que ninguém chore por nós. Se por ventura alguém chorar, é choro e lágrima de brasileiro, proveniente de um sentimento de alegria e emoção. Alegria de ter de volta o movimento dos estudantes cheio de energia e, de emoção de ver o povo começando a tomar conta das ruas, extravasando o seu sentimento de revolta e indignação.

O Brasil, depois do episódio Collor, nunca mais vai ser o mesmo. E por uma razão muito simples. A corrupção, muito embora numa escala menor e feita com mais discrição, sempre existiu no país, só que era do conhecimento de uma minoria que jamais permitiu que ela passasse a ser do domínio público. Agora, através do trabalho sério da CPI, testemunhado por toda Nação e amplamente divulgado pelos meios de comunicação, que aliás desde a denúncia do irmão do Presidente, Pedro Collor, vem cumprindo o papel de informar a sociedade com isenção e responsabilidade, todos nós ficamos sabendo o que fizeram com o nosso Brasil.

Diante de tantas informações, cresceu naturalmente a nossa conscientização. Com isto, aprendemos também, que só através da nossa efetiva participação, acompanhando de perto e com interesse os acontecimentos é que vamos impedir que esta lama volte a nos cobrir. Portanto, NÃO CHOREM POR NÓS.

A Tribuna Livre é um espaço aberto. As matérias devem ser remetidas para a redação, assinadas, datilografadas e nunca com mais de 40 linhas de 70 toques. A publicação ficará a critério dos editores.

VINTE ANOS DE ARMAÇÃO

O grupo de teatro **Armação** está fazendo 20 anos de existência. Ele é considerado como um patrimônio da cultura de Santa Catarina porque foi responsável pela divulgação de grandes nomes da dramaturgia mundial e brasileira, porque foi o primeiro grupo a tentar a profissionalização do teatro catarinense e porque é, até hoje, uma espécie de oficina para atores, diretores que surgiram por aqui na últimas duas décadas.

Boa parte da história do teatro catarinense foi escrita pelo **Armação**. A maioria de seus integrantes iniciais vieram de vários movimentos paralelos de teatro no Estado. Na memória das pessoas o grupo é lembrado pelo seu maior sucesso de público: a montagem, em

1982, da peça **Zumbi**, de Guarnieri, Boal e Edu Lobo.

Tudo começou em 1972 com a peça **Constatado**, de Romário Borelli, montada por um grupo teatral que estava tentando se profissionalizar. Com a direção de Augusto Souza, foram trazidos atores de fora e a peça estreou em Joaçaba. Em Florianópolis esteve por uma longa temporada. Mas, apesar de seu valor artístico, não teve sucesso de público e o gru-

po acabou desfeito. Dois anos depois, em 1974, parte do grupo volta a se reunir na peça **Está Lá Fora Um Inspetor**, patrocinada pelo Clube Seis de Janeiro, da capital. Dali em diante o **Armação** não parou mais.

VITALIDADE - A vontade de fazer teatro em Santa Catarina sempre foi muito grande dentro do **Armação**. Além das peças que montaram, o grupo também é respeitado pela vitalidade com que assumiu o encargo de disseminar o gosto e abertura de novas frentes para o teatro catarinense.

Em 1975, um ano após o recomeço, o **Armação** liderou - com martelos, serrotes e pincéis - a recuperação de um pequeno teatro que havia no antigo Abrigo de Menores do Estado, em Florianópolis. Lá eles encenaram a peça **Caminho de Volta**. Tempos depois a casa foi demolida. No ano seguinte, o crítico Harry Laus coordenou a criação de um espaço cultural no bairro Bom Abrigo. Lá estava também o **Armação** inaugurando um teatro de bolso, com a peça **As Duas Faces De Um Homem**.

O grupo não esqueceu também o interior do Estado, apesar de todas dificuldades decorrentes da falta de dinheiro. Édio Nunes, há 20 anos no **Armação**, lembra de coisas incríveis. Não esquecerá jamais de apresentações a céu aberto, em cima de palanques, em quintais de associações.

ESPAÇO - A estabilidade chegou em 1986 quando o grupo recebeu, do governo do Estado, uma antiga casa no centro de Florianópolis, para usá-la durante 20 anos como depósito de materiais. Mas aos poucos o local foi se transformando de acordo com as necessidades e sonhos do grupo. Hoje abriga um pequeno teatro, com 37 lugares, e uma galeria. Agora, junto com o IAB (Instituto dos Arquitetos do Brasil), da Fundação Catarinense de Cultura e Ibac (Instituto Brasileiro de Artes Cênicas) será feito um projeto de adaptação do espaço para abrigar várias manifestações artísticas.

Aproximadamente 10 pessoas permanecem no grupo desde o início (entre ele Édio Nunes, Ademir Rosa, Nivaldo Matos). Mas cerca de 40 pessoas gravitam dentro do **Armação** participando de montagens, estudos de textos, etc. Atualmente o grupo está encenando uma peça de Fábio Brueggmann - **Sim, Eu Sei** - e um novo texto do mesmo autor estreará em novembro. Outras duas peças estão em ensaios e paralelamente está sendo feito um estudo de texto.



Édio e Bazil: memória do teatro de Florianópolis

Velho Guerreiro

Em 1975 o **Armação** convidou o ator e diretor **Waldir Brazil** para fazer parte do grupo, onde ele está até hoje. Atualmente com 72 anos, **Brazil** é a história viva do teatro catarinense. Ele começou no teatro amador em 1938, na **União Operária**. As apresentações patrocinadas pela **União** eram geralmente benéficas. Como na época não havia seguridade social, quando um operário ficava doente ou sofria um acidente que o afastava do trabalho a **União** promovia apresentações de peças teatrais cuja renda revertia para a família do necessitado.

Como encontrar Deus?

Claudionor Kosmann
Empregado da Celesc

Quero fazer comentários quanto aos artigos publicados nos números 1919 e 192 do **Linha Viva** - "A Desrazão do Misticismo" do professor Sérgio Weigert e "Quem está com a razão?" do nosso colega Paulo Sá Brito.

Concordo com o professor Sérgio quando ele argumenta que devemos enfatizar a razão. Sem a razão, corremos o risco de "viver como perplexos prisioneiros de um minotauro feito de crendices, sortilégios e amuletos". A razão

é criação de Deus para nosso uso em busca da verdade.

Concordo com o Paulo Sá Brito quando argumenta que a razão não é suficiente. E não é suficiente porque Deus é um ser superior - habita num mundo superior a este, acerca do qual pouco entendemos.

Assim, há um momento em que termina a razão e começa a fé. A busca da verdade deve equilibrar as duas.

O episódio de Guaratuba demonstra a necessidade do equilíbrio. Ou parece lógico

que um deus que toma conta do corpo das pessoas, bebe cachaça e fuma charuto, tenha criado o mar, o sol e as flores?

A Bíblia adverte que existem "deuses" que exigem crianças em sacrifício (DT 18.9 - 14).

Também adverte no mesmo lugar que não procuremos consultar espíritos de pessoas que já morreram.

Se usarmos a razão e a fé chegaremos ao Deus amoroso e perdoador que nos convida a ser seus amigos em Jesus Cristo.